

ALIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • DEZEMBRO DE 1992



A LIAHONA

DEZEMBRO DE 1992



Na capa:

“E eis que a estrela, que tinham visto no oriente, ia adiante deles, até que, chegando, se deteve sobre o lugar onde estava o menino” (Mateus 2:9).

Estas e outras gravações feitas com madeira, do artista francês Gustave Doré (1832-1883), retratam cenas da vida do Salvador, em “O Nascimento e o Ministério de Cristo”. (Vide página 16.)

A quarta capa destaca a xilogravura de Doré do presépio, bem como votos de Feliz Natal nos idiomas de nossos leitores em todo o mundo.

Capa da Seção Infantil:
Fotografia de Steve Bunderson

DESTAQUES

SAUDAÇÃO DE NATAL DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA	1
MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: “FAZEL-LHO TAMRÉM VÓS” PRESIDENTE GORDON B. HINCKLEY.....	2
“FIQUEI COM MINHA FAMÍLIA”: JOSEPH SMITH COMO MARIDO, PAI, FILHO E IRMÃO BRENT L. TOP.....	8
O NASCIMENTO E O MINISTÉRIO DE CRISTO XILOGRAVURAS DE GUSTAVE DORÉ.....	16
NATAL NO VIETNÃ JOHN L. MEISENBACH.....	24
MEU PRIMEIRO NATAL COMO BISPO MARVIN K. GARDNER.....	26
DAR E TORNAR A DAR REBECCA STRAND RUSSON.....	40
DOZE TESTEMUNHAS DO NASCIMENTO DE CRISTO JOSEPH FIELDING McCONKIE.....	42

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

UMA VERDADEIRA DÁDIVA REBECCA RUSSELL.....	32
CANTINHO MÓRMON LARRY A. HILLER.....	34

DEPARTAMENTOS

MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES A ALEGRIA DE SERVIR	25
--	----

SEÇÃO INFANTIL

CALENDÁRIO DA VINDA DE CRISTO — NOVO TESTAMENTO SHAUNA M. KAWASAKI.....	2
O PROFETA JOSEPH SMITH: UM AMIGO DAS CRIANÇAS SUSAN ARRINGTON MADSEN.....	4
HINO: SAMUEL FALA DO MENINO JESUS MABEL JONES GABBOTT E GRIETJE TERBURG ROWLEY.....	7
TEMPO DE COMPARTILHAR: “ESTE É O MEU FILHO AMADO” VIRGINIA PEARCE.....	8
BOAS-NOVAS MARY RICZO HALL.....	10
OFICINA DE NATAL: PRESENTES FEITOS EM CASA	13
MENSAGEM DE NATAL DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA ÀS CRIANÇAS DO MUNDO	14

DEZEMBRO de 1992, Vol. 16, nº 12
92992 059 São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus
Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A Primeira Presidência: Ezra Taft Benson,
Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze: Howard W. Hunter,
Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry,
David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell,
Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard,
Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott

Consultores: Rex D. Pinegar, Charles Didier,
Robert E. Wells

Editor: Rex D. Pinegar

Director Gerente do Departamento de Currículo:
Ronald L. Knighton

Director de Revistas da Igreja: Thomas L. Peterson

International Magazines:

Editor Gerente: Brian K. Kelly

Editor Gerente Assistente: Marvin K. Gardner

Editor Associado: David Mitchell

Editora Assistente/Seção Infantil: DeAnne Walker

Controlador: Diana Van Staveren

Supervisão de Arte: M. M. Kawasaki

Director de Arte: Scott D. Van Kampen

Desenho: Sharrri Cook

Produção: Reginald J. Christensen, Steven L. Dayton,

Jane Ann Kemp, Denise Kirby

Gerente de Circulação: Joyce Hansen

A Liahona:

Director Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance

Editor: Paulo Dias Machado

(Reg. 8966-35-02 - RJ)

Tradução e Notícias Locais: Ana Gláucia Cecilato

Assinaturas: Carlos Tadeu de Campos

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE
CENSURA DE DIVERSÕES PUBLICAS, do D.P.F., sob
nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas
deverá ser endereçada ao:

Departamento de Assinaturas,
05599-970 - Caixa Postal 26023,
São Paulo, SP.

Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 60.000,00;
para Portugal - Centro de Distribuição Portugal Lisboa,
Rua Aquiles Machado, 5M5J - 1900 - Lisboa. Assinatura
Anual Esc. 500; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea,
US\$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência:
Cr\$ 5.000,00.

As mudanças de endereço devem ser comunicadas
indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA - © 1977 por A Igreja de Jesus Cristo dos
Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados.
Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja
de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se
registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de
Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos,
conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona,
revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos
Santos dos Últimos Dias é publicada mensalmente em
chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês,
francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês,
português, samoano, espanhol, sueco e tonganês;
bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e
trimestralmente em islandês. Impressão: ULTRAPRINT
Impressora Ltda. - Rua Bresser, 1224 - Brás - São Paulo -
SP.

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamos
o direito de publicar somente os artigos solicitados
pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as
colaborações para apreciação da redação e da equipe
internacional do "International Magazine". Colaborações
espontâneas e matérias dos correspondentes estarão
sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato,
2.430 - Telefone (011) 814-2277.

The A Liahona (ISSN 0885-3169) is published monthly
by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50
East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150.
Second-class postage paid at Salt Lake City, Utah and at
additional mailing offices. Subscription price \$9,00 a
year. \$1.00 per single copy. Thirty days' notice required
for change of address. When ordering a change, include
address label from a recent issue; changes cannot be made
unless both the old address and the new are included.
Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to
Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt
Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information
telephone number 801-240-2947.

Printed in Brazil

POSTMASTER: Send address changes to A LIAHONA
at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah
84150, U.S.A.

Saudação de Natal da Primeira Presidência

Regoziamo-nos com toda a cristandade nesta época
abençoada do ano, quando nossos pensamentos se
voltam para aquele cujo nascimento celebramos, Jesus
Cristo, o Filho de Deus. Nós o amamos, nós o louvamos e
convidamos todos a virem a ele.

Somente ele foi perfeito e, para fazer a vontade do Pai,
expiou os pecados de outros. Não é de causar espanto que,
quando nasceu, os anjos tenham cantado, uma nova estrela
tenha surgido, e os profetas se tenham alegrado. Seu evangelho
é uma mensagem de amor.

Foi ele que, com grande amor e compaixão, nos deixou esta
bênção confortadora: "Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou:
não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso
coração nem se atemorize" (João 14:27).

Humildemente, enviamos uma bênção de paz e conforto a
todos os que buscam o Senhor nesta época sagrada. Que o
próximo ano seja repleto de alegria, e que sejamos obedientes
aos mandamentos de Deus, seguindo o exemplo da vida de seu
Filho. □



“Fazei-lho Também Vós”

Presidente Gordon B. Hinckley

Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Como é alegre a época em que comemoramos a chegada do Cristo menino. Há apenas poucas linhas nas escrituras que nos falam desse acontecimento, mas suas palavras simples carregam as “esperanças e temores de todos os anos” para as pessoas de todos os lugares (tradução livre de “*O Little Town of Bethlehem*” [Pequena Vila de Belém], *Hinos*, 1985, nº 208).

“Ora o nascimento de Jesus Cristo foi assim” (Mateus 1:18). É deste modo que se inicia a narrativa de Mateus.

Marcos começa seus escritos com um testemunho audacioso: “Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus” (Marcos 1:1).

Lucas declara que, com relação à vida do Salvador, já se informara “minuciosamente de tudo desde o princípio” (Lucas 1:3). Ele, então, faz um relato simples e belo das circunstâncias que levaram Maria e José de Nazaré a Belém. A narrativa de Lucas é a maravilhosa história dos pastores no campo, guardando seus rebanhos, e do nascimento em uma manjedoura,



Ao comemorarmos o nascimento do Salvador, lembremo-nos de seu exemplo ao chamar as crianças amorosamente para perto de si, da mesma forma que ele deseja que chamemos toda a humanidade para junto dele.

“porque não havia lugar . . . na estalagem”, e do anjo que declarou: “Não temais, porque eis aqui vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo:

Pois, na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor” (Lucas 2:7,10-11)

João começa sua narrativa com uma declaração a respeito da existência pré-mortal do Salvador e de seu papel como Criador:

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.

Ele estava no princípio com Deus.

Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez . . .

E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade.” (João 1:1-3,14.

Estes são os depoimentos das testemunhas que caminharam com ele, cujas palavras se tornaram o Novo Testamento de nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo.

Há um outro evangelho, o testamento do Novo Mundo, onde a voz do Pai Eterno apresentou o Senhor ressuscitado aos fiéis do Hemisfério Ocidental: “Eis aqui meu filho bem amado, no qual glorifiquei meu nome; e ele deveis ouvir” (3 Néfi 11:7).

Após esta apresentação divina, o Senhor ressuscitado desceu, pôs-se no meio da multidão e disse: “Eis que sou Jesus Cristo, cuja vinda ao mundo foi anunciada pelos profetas . . . sou a luz e a vida do mundo” (3 Néfi 11:10-11).

Além destas várias declarações, há o testemunho do profeta de nossa dispensação, Joseph Smith, cujo nascimento também recordamos este mês:

“E agora, depois dos muitos testemunhos que se prestaram dele, este é o último de todos, que nós damos dele: que ele vive!

Pois vimo-lo mesmo à direita de Deus; e ouvimos a voz testificando que ele é o Unigênito do Pai” (D&C 76:20, 22-23).

A todos estes testemunhos acrescentamos o nosso. Ele é Jesus, o Cristo, o Primogênito do Pai, o Criador do céu

e da terra, o Jeová da antiga Israel, o Messias prometido, nascido em Belém da Judéia, aquele que cura os doentes, o mestre da doutrina, o Redentor do mundo, a causa da eterna salvação, o Senhor ressurreto, que está sentado à direita do Pai, nosso intercessor, em cujo nome oramos ao Todo-Poderoso.

Disse ele: “Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai, e eu o amarei, e me manifestarei a ele” (João 14:21).

Que promessa gloriosa àqueles que demonstram seu amor por meio da obediência. Quero discutir rapidamente um dos mandamentos do Senhor mais conhecidos e provavelmente o menos observado — aquele que é chamado de Regra de Ouro.

Disse Jesus: “Tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós” (Mateus 7:12).

Gostaria de lembrar a todos nós, nesta época de Natal, que se cada um de nós refletisse ocasionalmente nesse mandamento dado por Cristo, e fizesse um esforço para cumpri-lo, este seria um mundo diferente. Haveria mais felicidade em nossas casas, sentimentos mais cordiais entre as pessoas, menos litígios e maior esforço para se resolver diferenças. Haveria mais amor, gratidão e respeito.

Haveria corações mais generosos, mais atenção e consideração, e um desejo maior de propagar o evangelho da paz e promover a obra de salvação para os filhos dos homens.

Há algum tempo recebi, sem que houvesse solicitado, uma carta cujo remetente me autorizou a lê-la:

“Caro Presidente Hinckley:

Há uma hora tive uma experiência muito especial, que me levou a escrever-lhe esta carta. Enquanto caminhava para casa, senti de repente que, em algum lugar, há um jovem que, exceto pela falta de dinheiro, se qualifica para cumprir uma missão para o Senhor, e que eu devo fornecer-lhe os meios necessários. Não tenho nenhuma idéia de quem seja este jovem nem onde esteja, mas senti que o senhor o saberia e entregar-lhe-ia

o dinheiro, assegurando-se de que ele saísse em missão. Tal sentimento me trouxe lágrimas aos olhos. Cheguei em casa e, após contar a experiência à minha esposa, perguntei-lhe o que achava. (Ela), naturalmente, concordou comigo.

Estou anexando um cheque de três mil dólares, mas o valor que me veio à mente foi quatro mil dólares. Este é todo o dinheiro de que dispomos no momento, mas em 27 de janeiro nós lhe enviaremos um cheque de mil dólares. Estudo medicina e ainda estou em treinamento. Trabalho horas extras para sustentar minha esposa e três filhas, e não temos dinheiro para dar entrada em uma casa. Estamos tentando economizar há cinco anos, para adquirir uma casa, e o Senhor nos tem abençoado além da conta.

Há três anos, tive um sentimento semelhante, mas quando refletimos a respeito, concluímos que o Senhor nos estava dando um sinal para que nos preparássemos para colocar sobre o altar tudo o que fosse requerido de nós. Decidimos que após o término de meu treinamento, sustentaríamos tantos missionários quantos pudéssemos. Esta noite não houve dúvidas de que o Senhor nos pediu que colocássemos esse dinheiro sobre o altar.

Sou um converso, . . . e minha esposa nasceu sob o convênio sagrado. Saí de casa, em Beirute (Líbano), há treze anos. Desde os onze anos de idade sonhava encontrar a verdadeira religião, e quinze anos depois eu a encontrei

. . . Escapei da morte por um triz mais de uma vez, quando criança, mas um poder divino me salvou a vida.

Quando cheguei à América, . . . não me deram qualquer esperança de ser aceito em uma escola de Medicina, simplesmente por não ser cidadão americano. Uma voz dentro de mim dizia que um dia eu seria médico.

Consegui uma bolsa de estudos e freqüentei uma das melhores escolas dos Estados Unidos. Então me transferi (para outra escola de Medicina) por uma razão que me era totalmente desconhecida na época . . . Um ano depois entrei em contato com a literatura da Igreja e filiei-me a ela. Nove meses mais tarde conheci minha esposa e em três meses nos casamos no templo.

Como vê, devo ao Senhor mais do que quatro mil dólares! Ele me deu olhos, mãos para trabalhar e ganhar minha subsistência . . .

Nós . . . deixamos o dinheiro em suas mãos para [usá-lo] de acordo com a inspiração com que o Senhor o investiu . . . Amamos todos os que trabalham nesta grande causa.

Que o Senhor nos abençoe no serviço que realizamos para ele!

Sinceramente."

Ele, então, assina seu nome e o da esposa.

Essa carta, melhor que minhas fracas palavras, respira o espírito do Natal, exemplifica a Regra de Ouro e fala

Apesar da renda limitada, um estudante de medicina sentiu-se inspirado a recordar as muitas bênçãos que recebera, fazendo uma doação substancial ao fundo missionário da Igreja.



O Presidente Spencer W. Kimball deu um exemplo de serviço dedicado, ao ajudar uma jovem mãe em um aeroporto — uma ação gentil, pela qual recebeu agradecimentos especiais muitos anos mais tarde.

com eloqüência do amor daquele que deu a vida em sacrifício por todos.

Gostaria de contar-vos a respeito de mais alguém que viveu a Regra de Ouro. Muitos já conhecem parte da seguinte história. Aconteceu há anos, no inverno, no Aeroporto Internacional O'Hare, um local enorme e movimentado, na cidade de Chicago, Illinois. Naquela ocasião, uma forte tempestade ocasionou atrasos e cancelamentos de vôos. Milhares de pessoas que lá se encontravam estavam impacientes, de mau humor ou irritadiças. Entre elas havia uma jovem mãe, em pé numa longa fila, no balcão de passagens. Ela estava com uma criança de dois anos a seus pés, no chão sujo. Estava grávida, sentindo-se mal e cansada ao extremo. O médico a proibira de se abaixar e carregar peso, por isso, quando a fila se movia, ela empurrava a criança chorosa e faminta com o pé. As pessoas observavam e criticavam, mas ninguém se ofereceu para ajudar.

Então um homem se aproximou e, com um sorriso gentil no rosto, disse: "Precisa de auxílio. Deixe-me ajudá-la". Ergueu a criança suja e chorosa nos braços e, pegando um chiclete do bolso, deu-o a ela. O gosto adocicado do chiclete acalmou a criança. Explicou às pessoas da fila que a mulher precisava de ajuda, levou-a para a frente, falou com um funcionário e logo conseguiu sua liberação. Depois procurou poltronas onde ela e a criança pudessem ter conforto, conversou por mais alguns momentos e desapareceu na multidão, sem dizer seu nome. Ela prosseguiu viagem para casa, em Michigan.

Anos depois chegou ao escritório do Presidente da Igreja a carta a seguir:

"Caro Presidente Kimball:

Sou aluno da Universidade Brigham Young. Acabei de retornar de uma missão em Munique, Alemanha Ocidental. Foi um período maravilhoso, no qual aprendi muito . . .

Estava na reunião do sacerdócio na semana passada, quando contaram a história da ajuda que o senhor prestou, há cerca de vinte e um anos, no aeroporto de Chicago. A história contava que o senhor encontrara

uma jovem mãe, grávida, com uma . . . criança chorosa, em . . . dificuldades, aguardando passagens em uma longa fila. Ela estava arriscada a perder o bebê e, portanto, não podia carregar a criança para confortá-la. A mulher havia sofrido quatro abortos acidentais, o que deu ainda maior força às ordens do médico para que não se curvasse ou levantasse peso.

O senhor confortou a criança que chorava e explicou o dilema aos demais passageiros da fila. Essa demonstração de amor acabou com a pressão e tensão que minha mãe sentia. Nasci alguns meses depois em Flint, Michigan.

Queria apenas *agradecer-lhe* por seu amor. *Obrigado por seu exemplo!*"

O mundo seria verdadeiramente um lugar diferente se cada um de nós, freqüente e seriamente, ponderasse o pedido do Salvador: "Tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós" (Mateus 7:12).

Nesta época de Natal, ao comemormos o nascimento do Filho de Deus, nosso Mestre, nosso Rei, nosso Salvador, nosso Redentor, o Filho ressuscitado do Deus vivo, vamos sinceramente procurar fazer o bem àqueles que nos cercam.

Que o Senhor nos abençoe nesta época alegre com mais amor, menos egoísmo, uma vontade maior de ajudar as pessoas que se acham em dificuldade e uma propensão maior para servir ao próximo. □

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

1. As escrituras dão testemunhos claros e maravilhosos da realidade do nascimento, do ministério, da ressurreição e das visitas do Senhor Jesus Cristo nos últimos dias.

2. Um dos mandamentos mais conhecidos do Senhor e, provavelmente, o menos observado é: "Tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós" (Mateus 7:12).

3. Nossas casas, os locais de trabalho e o mundo seriam diferentes se cada um de nós aplicasse, com freqüência, este mandamento do Senhor.



PAN AM

WING AIR LINE

06

153 10:23

37

101 4:04

SES

4:01

10:

10:

10:

4:0

Joseph Smith como Marido, Pai, Filho e Irmão

“FIQUEI COM MINHA FAMÍLIA”

Brent L. Top



Como santos dos últimos dias, ouvimos líderes da Igreja falarem com frequência a respeito de solidificarmos nossos lares e fortalecermos nosso relacionamento familiar. O Presidente McKay disse: “Nenhum outro sucesso compensa o fracasso no lar” (Conference Report, abril de 1964, p.5). O Presidente Lee declarou: “A maior obra do Senhor que realizareis como pais, será entre as paredes de vosso próprio lar” (Conference Report, abril de 1973, p.130).

O atual profeta do Senhor, Presidente Ezra Taft Benson, adverte-nos continuamente a respeito da tentativa da sociedade moderna de sutilmente destruir a força da família. Em conferências recentes, Presidente Benson deu instruções específicas a pais e mães, irmãos e irmãs, maridos, mulheres e crianças.

Estes pedidos insistentes dos profetas, de que aprofundemos nosso amor pela família e tenhamos harmonia no lar, não se restringem ao século vinte. Elas refletem o significado eterno da unidade familiar no plano de nosso Pai, para nossa felicidade terrena e salvação eterna.

Poucos homens compreenderam tão plenamente o papel correto da vida familiar no plano eterno quanto o Profeta da Restauração, Joseph Smith. Ele não apenas recebeu do alto a doutrina das famílias eternas, porém, mais importante, aplicou estas verdades eternas em gestos de amor, afeição e preocupação pela própria família. Benjamin F. Johnson, que morou durante algum tempo na casa do Profeta, ficou profundamente impressionado

com os exemplos de sensibilidade de Joseph. Posteriormente ele escreveu: “Como filho, ele era muito nobre, no amor e respeito aos pais; como irmão era dedicado e leal até a morte; como marido e pai, sua devoção . . . chegava quase à idolatria” (*Carta de Benjamin F. Johnson ao Elder George S. Gibbs*, p.4, folheto no Departamento Histórico, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias).

O amor e a devoção do Profeta pela família pode inspirar todos os santos dos últimos dias a se tornarem filhos e filhas, irmãos e irmãs, maridos e mulheres, pais e mães celestiais, como

nossos profetas têm aconselhado.

OBEDECENDO AOS PAIS

Quando jovem, Joseph viveu plenamente de acordo com a admoestação de Paulo: “Filhos, sede obedientes a vossos pais no Senhor, porque isto é justo” (Efésios 6:1). Ele obedecia a seus pais estritamente, não por temor, mas pelo profundo amor que lhes dedicava. Seu amor e afeição pelos pais podem ser melhor observados em um acontecimento de sua infância. O jovem Joseph teve uma doença extremamente dolorosa na perna. Depois de várias semanas de dor cruciante e muitas tentativas vãs

Alguns dos momentos mais felizes de Joseph era quando estava com a família. Ele registrou em seu diário, em 27 de março de 1834: “Fiquei em casa e senti grande alegria com minha família”.



T. BARRETT

dos cirurgiões de aliviá-la, os médicos concluíram que a perna deveria ser amputada. Joseph e a mãe não concordaram, e os médicos resolveram tentar mais uma operação. Insistiram em que Joseph fosse amarrado à cama e bebesse um pouco de vinho para amortecer a dor. A resposta de Joseph, registrada pela mãe, Lucy Mack Smith, ilustra sua confiança no pai e a ternura que sentia pela mãe.

“Não”, exclamou Joseph, “Não tomarei nenhuma gota de álcool, nem serei amarrado, mas vou dizer-lhes o que farei — quero que meu pai se sente na cama e segure-me em seus braços, e então farei tudo o que for necessário para que removam o osso”. Olhando para mim, disse: ‘Mãe, quero que saia do quarto, pois sei que não pode ver-me sofrendo assim; meu pai poderá suportar, mas a senhora tem cuidado tanto de mim, e por tanto tempo, que já está esgotada’. Olhando-me bem no rosto, com os olhos marejados de lágrimas, ele prosseguiu: ‘Agora, mãe, prometa-me que não ficará aqui. Promete? O Senhor me ajudará e sei que poderei superar isto’” (Lucy Mack Smith, *History of Joseph Smith by His Mother*, editado por Preston Nibley, SLC: Bookcraft, 1958, p.57).

Tempos depois, quando o jovem Profeta saiu do bosque após a sagrada experiência, aquele dia, da primavera de 1820, seu primeiro pensamento foi transmitir o conhecimento a respeito da verdadeira natureza de Deus e a mensagem da futura restauração do evangelho à família. Três anos e meio mais tarde, quando contou à família a mensagem que o anjo Morôni lhe deixara, a mãe recorda: “Ficamos então convencidos de que Deus em breve revelaria alguma coisa na qual poderíamos confiar, ou que nos daria um conhecimento mais perfeito do plano de salvação e redenção de toda a família humana. Isto nos alegrou muito, a mais doce harmonia e a felicidade invadiram nossa casa, e a

tranqüilidade reinou em nosso meio” (*History of Joseph Smith by His Mother*, pp.82–83).

UMA MENSAGEM PARA FAMÍLIAS

Da mesma forma, os lares SUD de hoje podem e devem ser tomados de alegria, felicidade e tranqüilidade, quando neles brilhar profusamente a luz do evangelho de Jesus Cristo e os princípios do evangelho forem constantemente praticados. A mensagem do evangelho, na realidade, é uma mensagem para famílias.

Linha por linha, preceito por preceito, o Senhor ensinou a Joseph que o evangelho fora restaurado para unir as famílias eternamente. Na manhã seguinte à visita do anjo Morôni, Joseph estava trabalhando no campo com o pai e o irmão. Fisicamente desgastado pelas experiências da noite anterior, era difícil para Joseph trabalhar. O pai, achando que ele estivesse doente, mandou-o para casa. De acordo com a mãe, Joseph, enfraquecido, parara para descansar sob uma macieira. Quase que imediatamente foi de novo visitado pelo Anjo Morôni. A primeira coisa que o mensageiro celestial disse, foi: “Por que não contaste a teu pai o que te ordenei?” Joseph respondeu: “Tive medo de que ele não me acreditasse”. O anjo prometeu a Joseph: “Ele acreditará em cada palavra do que lhe disseres” (*History of Joseph Smith by His Mother*, p.79).

Joseph foi ensinado enfaticamente por Morôni a contar suas experiências e novo conhecimento aos pais, os quais lhe foram dados com o propósito deabençoar e exaltar não só sua própria família, mas todas as demais. Esta experiência sem dúvida fortaleceu o amor de Joseph pelos pais e sua confiança no apoio deles. Quando contou ao pai a respeito da visita de Morôni, ele afirmou que o que o filho experimentara era “de Deus” (Joseph



Após sua experiência no bosque sagrado, o jovem Joseph transmitiu à família o conhecimento recém-adquirido.

Smith 2:50). Esta resposta caracterizou a fé e confiança dos pais de Joseph durante as provações da vida do jovem Profeta.

ALÉM DOS LIMITES DA MORTE

Joseph apreciava a fidelidade e apoio constante de seus pais, como se nota na súplica ao Senhor pela saúde do pai, em 1835: “Cuidei dele durante todo o dia, com o coração voltado para Deus, em nome de Jesus Cristo, para que ele lhe restituísse a saúde, para que eu fosse abençoado com sua companhia e seus conselhos, pois considero uma das maiores bênçãos terrenas ter a companhia dos pais, cuja maturidade e experiência os capacita a dar valiosos conselhos” (*History of the Church*, 2:289).

Mesmo quando Joseph estava ocupado demais com as responsabilidades de Profeta e Presidente da Igreja, sua preocupação pela família e pelos pais era bem aparente. Seu diário, entre 8 e 11 de outubro de 1835 — quando havia retomado a tradução dos escritos de Abraão — registra preocupação com o pai. Nenhuma outra

responsabilidade era mais urgente ou importante.

“Quinta-feira, 8 — Em casa. Tratei de meu pai com grande ansiedade.

Sexta-feira, 9 — Em casa. Cuidei de meu pai.

Sábado, 10 — Em casa. Também fui à casa de meu pai e notei que está perdendo as forças muito rapidamente.

Domingo, 11 — Cuidei de meu pai, que estava muito mal. Ao orar sozinho pela manhã, o Senhor disse: ‘Meu servo, teu pai viverá’ . . .

À noite, o irmão David Whitmer chegou. Invocamos o Senhor em fervorosa oração, em nome de Jesus Cristo, impusemos as mãos sobre meu pai e repreendemos a doença. Deus nos ouviu e respondeu às nossas orações — para grande alegria e satisfação de nossas almas” (*History of the Church*, 2:289).

Da mesma forma que Joseph amava os pais fiéis e preocupava-se com eles, seu amor pelos irmãos ia além dos limites da morte. Seu respeito e preocupação por Alvin, o irmão mais velho, é exemplar. Antes de morrer, em 1823, Alvin insistiu para que Joseph e Hyrum terminassem a construção da casa de seus pais, que ele havia iniciado. E depois, Alvin exortou Joseph a permanecer fiel, para que trouxesse à luz a obra do evangelho. (Vide *History of Joseph Smith by His Mother*, pp.86–87.) Joseph atendeu aos dois pedidos de Alvin. Em sua história, datada de 22 de agosto de 1842, Joseph expressou profundo amor por Alvin: “Recordo-me bem da tristeza que se avolumou em meu peito e quase explodiu meu sensível coração, quando ele morreu. Era o filho mais velho e o mais nobre da família de meu pai. Ele foi um dos mais nobres filhos dos homens” (*Ibid.*, p.333).

Que alegria indescritível Joseph deve ter sentido quando, em 21 de janeiro de 1836, no Templo de Kirtland, ele teve a visão de seus entes queridos no

“reino celestial de Deus . . . vi Pai Adão e Abraão; assim como meu pai, minha mãe e meu irmão Alvin, que havia morrido há muito tempo” (D&C 137:1,5).

Joseph ficou profundamente triste com a morte de outro de seus irmãos, Don Carlos, em 1841. Mais tarde, ao falar no funeral de Ephraim Marks, Joseph exprimiu sua profunda perda: “Este é um momento solene e terrível; jamais me senti tão solene. Ele me traz à mente a morte de meu irmão mais velho, Alvin, que morreu em Nova York, e de meu irmão mais novo, Don Carlos Smith, que morreu em Nauvoo. Tem sido difícil para mim viver na terra e ver estes jovens, que nos deram tanto apoio e conforto, serem tirados de nós em sua juventude” (*History of Joseph Smith by His Mother*, p.333).

“AMOR MAIOR”

A tristeza que Joseph sentiu com a morte de seus dois irmãos foi, talvez, ultrapassada por um acontecimento que envolveu outro irmão. Após o que parecera uma discussão banal, o irmão de Joseph, William, voltou-se contra ele e indispsôs-se contra a Igreja. Juntamente com outros apóstatas, ele começou a afirmar que Joseph se tornara um “profeta caído”. O pior dano, contudo, ocorreu dentro do círculo familiar. Joseph descreveu a saída irada de William da Igreja:

“Ele foi para casa e espalhou o fermento da iniquidade entre meus irmãos, e especialmente influenciou meu irmão Samuel contra mim. Logo fiquei sabendo que William estava nas ruas falando mal de mim, e, sem dúvida, nossos inimigos se alegraram com isso” (*History of the Church*, 2:297).

Apesar do mal causado pelo irmão rebelde, porém amado, Joseph não sentiu desejo de vingança, nem ódio, nem amargor — apenas paciência e perdão. Sua atitude

em relação a William é um grande exemplo do sábio conselho do Senhor de demonstrar “um amor maior por aquele que repreendeste, para que não te julgue seu inimigo; para que ele saiba que a tua fidelidade é mais forte do que os laços da morte” (D&C 121:43-44).

Daniel Tyler, que participou de uma reunião com Joseph Smith pouco depois da apostasia de William e das denúncias amargas contra o irmão Profeta, deixou-nos um relato tocante da angústia de Joseph por causa do irmão desobediente: “Notei tristeza em seu semblante e lágrimas escorrendo-lhe pelas faces. Momentos depois foi cantado um hino e ele iniciou a reunião com uma oração. Em lugar de se voltar para a congregação, ajoelhou-se de frente para a parede. Isto, eu suponho, foi para esconder a tristeza e as lágrimas.

Essa oração, que era em grande parte por aqueles que o acusaram de se haver desviado e caído em pecado, a fim de que o Senhor os perdoasse e lhes abrisse os olhos, para que enxergassem da forma correta — aquela oração . . . demonstrou o saber e a eloquência do céu” (*Juvenile Instructor*, 15 de fevereiro de 1892, p.127).

Foi uma prova da grandeza do Profeta ter a unidade espiritual da família em tão alta conta; assim, perdão e amor prevaleceram. Com paciência e dedicação, ele ajudou o irmão, William, a reintegrar-se na família e na Igreja, apesar do mal que causara a Joseph e à Igreja.

AMOR “MAIS FORTE QUE A MORTE”

Entre irmãos, amigos e líderes da Igreja, não havia um laço de amor e união mais forte que o de Joseph e seu irmão Hyrum. Joseph escreveu: “E eu poderia orar para que todos os meus irmãos fossem como meu amado irmão Hyrum, que possui a brandura de um cordeiro e a integridade de um Jó, e, em resumo, a mansidão e a



A preocupação de Joseph por Emma ficou demonstrada em suas vigílias, quando ela se encontrava doente, cuidando dela e orando por sua saúde.

humildade de Cristo; e eu o amo com aquele amor mais forte que a morte, pois nunca houve ocasião em que eu o repreendesse, ou ele a mim” (*History of the Church*, 2:338).

Se todos os irmãos e irmãs seguissem as pegadas de Joseph, o Profeta, e amassem sua família com “aquele amor mais forte que a morte”, seus corações se tornariam eternamente entrelaçados, e o lar seria como o céu.

“MINHA ADORADA EMMA”

O mais importante exemplo que Joseph deu, de relacionamento familiar celestial, foi sua união carinhosa com a adorada esposa Emma, e com os filhos. Um contemporâneo do Profeta disse que o maior lema de sua vida, após “Deus e seu Reino”, era “Família e amigos”. (Vide *Carta de B. F. Johnson*, p.4.) Estes dois lemas eram unidos, na vida de Joseph, pois lhe fora ensinado, por experiência e revelação, que não alcançaria o primeiro sem o último.

No início do casamento de Joseph ele descobriu que seu sucesso na realização da obra do Senhor estava

diretamente ligado à harmonia do lar. Enquanto trabalhava na tradução do Livro de Mórmon, Joseph e Emma tiveram uma discussão, como todo jovem casal ocasionalmente tem. Joseph foi para o andar superior da casa dos Whitmer para prosseguir a tradução do Livro de Mórmon, mas não conseguiu, pois “tudo ficou obscuro”. Só após retirar-se para o bosque, a fim de orar por perdão, e então retornar para obter o perdão de Emma, foi que o Espírito do Senhor voltou, e a tradução pôde prosseguir. (Vide B. H. Roberts, *A Comprehensive History of the Church*, 1:130–131.)

O Profeta tivera uma visão de que o casamento deveria ser eterno. Não é de admirar que ele ensinasse tão vigorosamente os santos a amarem plenamente seu cônjuge, a serem carinhosos e fiéis. Seu próprio amor por Emma e pelos filhos ilustram a firme convicção que tinha de que as famílias podem ser eternas. Os contemporâneos de Joseph relatam que ele era rápido em exortar os maridos SUD a cuidar de suas mulheres e advertia-os que, caso não o fizessem, não as teriam na eternidade. Lucy Walker Kimball registrou:

“O Profeta Joseph Smith mencionava com freqüência os sentimentos que devem existir entre marido e mulher, que eles . . . devem ser . . . companheiros, as pessoas mais unidas e queridas na terra, em todos os sentidos. Os homens devem acautelarem-se quanto à forma como tratam a esposa . . . Disse também que muitos despertariam na manhã da ressurreição com uma triste decepção; pois, devido a transgressões, não teriam esposa nem filhos” (*They Knew the Prophet*, compilado por Hyrum L. e Helen Mae Andrus, Salt Lake City: Bookcraft, 1974, p.139).

Uma experiência simples, porém profunda, com o Profeta e sua família, causou grande impacto no jovem Benjamin Johnson. Num domingo pela manhã, ele estava conversando em particular com Joseph, quando dois dos

filhos de Emma e Joseph entraram na sala — “educados, inteligentes e meigos, e chamando minha atenção para eles [Joseph] disse: ‘Benjamin, olhe para estas crianças. Como seria possível não amar a mãe deles?’”

“Para mim”, escreveu irmão Johnson, Emma “parecia ser a rainha de seu coração e de seu lar” (*Carta de B. F. Johnson*, p.4).

Joseph certamente praticava o que pregava. Ele sabia da importância de um casamento amoroso, que duraria toda a eternidade. Sua preocupação por Emma ficou demonstrada em suas vigílias, quando ela se encontrava doente, cuidando dela e orando por sua saúde. Em seu diário, domingo, dia 2 de outubro de 1842, lemos: “Emma ainda estava muito doente. Fiquei a seu lado o dia todo”. Sua anotação da quinta-feira, 6 de outubro, dá-nos uma visão maior de seu terno amor por Emma e da preocupação que tinha com seu bem-estar: “Que o Senhor a traga de volta ao seio da família rapidamente, que o coração deste seu servo seja novamente consolado” (*History of the Church*, 5:167-168).

Talvez as maiores demonstrações de carinho e os maiores exemplos do amor de Joseph por Emma e os filhos ocorreram quando ele, devido ao trabalho da Igreja, perseguição, ou prisões ilegais, era separado de seus entes queridos. Tinha o pensamento e o coração sempre voltados para eles, e ansiava estar com a família. Mesmo enquanto realizava a obra do Senhor, que lhe era tão cara, preocupava-se constantemente com a família e seu bem-estar. Durante uma missão em Nova York e Canadá, em outubro de 1833, ele escreveu: “Meu estado de espírito é muito bom. O Senhor está conosco, mas sinto grande apreensão a respeito de minha família” (*History of the Church*, 1:419). Joseph e Sidney Rigdon levaram a profunda preocupação que tinham por suas famílias ao Senhor em oração sincera e receberam a

revelação contida na seção 100 de Doutrina e Convênios, onde o Senhor prometeu: “Vossas famílias estão bem; elas estão em minhas mãos, . . .

Portanto, segui-me . . .

Que [vossos] corações se consolem” (D&C 100:1-2,15).

Em uma missão anterior, a Nova York, Joseph escreveu uma carta a Emma, descrevendo as maravilhosas experiências que tivera na grande cidade. Descreveu minuciosamente os edifícios magníficos e as grandes invenções. Seu desejo real, contudo, não era ver as maravilhas do mundo, mas sim estar em casa. “Após ver tudo o que queria, voltei ao quarto para meditar e acalmar a mente, e eis que pensamentos a respeito de casa, de Emma e de minha filha Julia inundaram-me a alma, e desejaria, por um momento, estar com elas. Meu peito está repleto de sentimentos e da ternura de um pai e marido (*The Personal Writings of Joseph Smith*, compilado por Dean C. Jessee, Salt Lake City: Deseret Book Co., 1984, p. 253).

Joseph sentia-se triste e solitário demais, quando ficava separado da família por qualquer período de tempo. Que angústia ele devia sentir por ter que se esconder ou viver isolado, com tanta frequência, por medo de que as turbas lhe tirassem a vida. Certa ocasião, os amigos o estavam transferindo para outro esconderijo, quando Joseph insistiu que passassem por sua casa. Vendo que não havia inimigos nas proximidades, Joseph correu para dentro de casa, ajoelhou-se ao lado das camas dos filhos, fez uma rápida oração por eles. Beijou cada criança e sua amada Emma, e saiu rapidamente rumo a seu novo esconderijo (E. Cecil McGavin, *The Family of Joseph Smith*, Salt Lake City: Bookcraft, 1963, p.138).

Foi durante um outro período em que se escondia daqueles que queriam matá-lo, que Joseph registrou uma



Estivesse ele se escondendo de uma turba ou aprisionado em masmorras imundas, o amor de Joseph por Emma e seus filhos o consolava e dava-lhe forças.

das expressões de amor mais tocantes que um homem poderia proferir. Ele deve ter ansiado pela liberdade de ficar ao lado da mulher e da família, mas até que as perseguições terminassem, ele somente poderia vê-los secreta e rapidamente. Após uma visita de Emma, ele escreveu:

“Que alegria indescritível, e que êxtase de felicidade me encheu o peito quando tomei pela mão, naquela noite, minha adorada Emma — minha esposa . . . a esposa de minha juventude, a eleita de meu coração. Muitas foram minhas reflexões quando rememorei, por um momento, tudo que temos enfrentado — as fadigas e labutas, as tristezas e sofrimentos, as alegrias e consolos, que, de tempos em tempos, têm marcado nosso caminho e adornado nossa mesa. Oh! Minha mente se encheu de pensamentos atropelados, por um momento — ei-la aqui novamente, mesmo no auge da dificuldade — indômita, firme, constante — inalterável, carinhosa Emma!” (*History of the Church*, 5:107.)

Estivesse ele se escondendo de uma turba ou aprisionado em masmorras imundas, seu amor por Emma

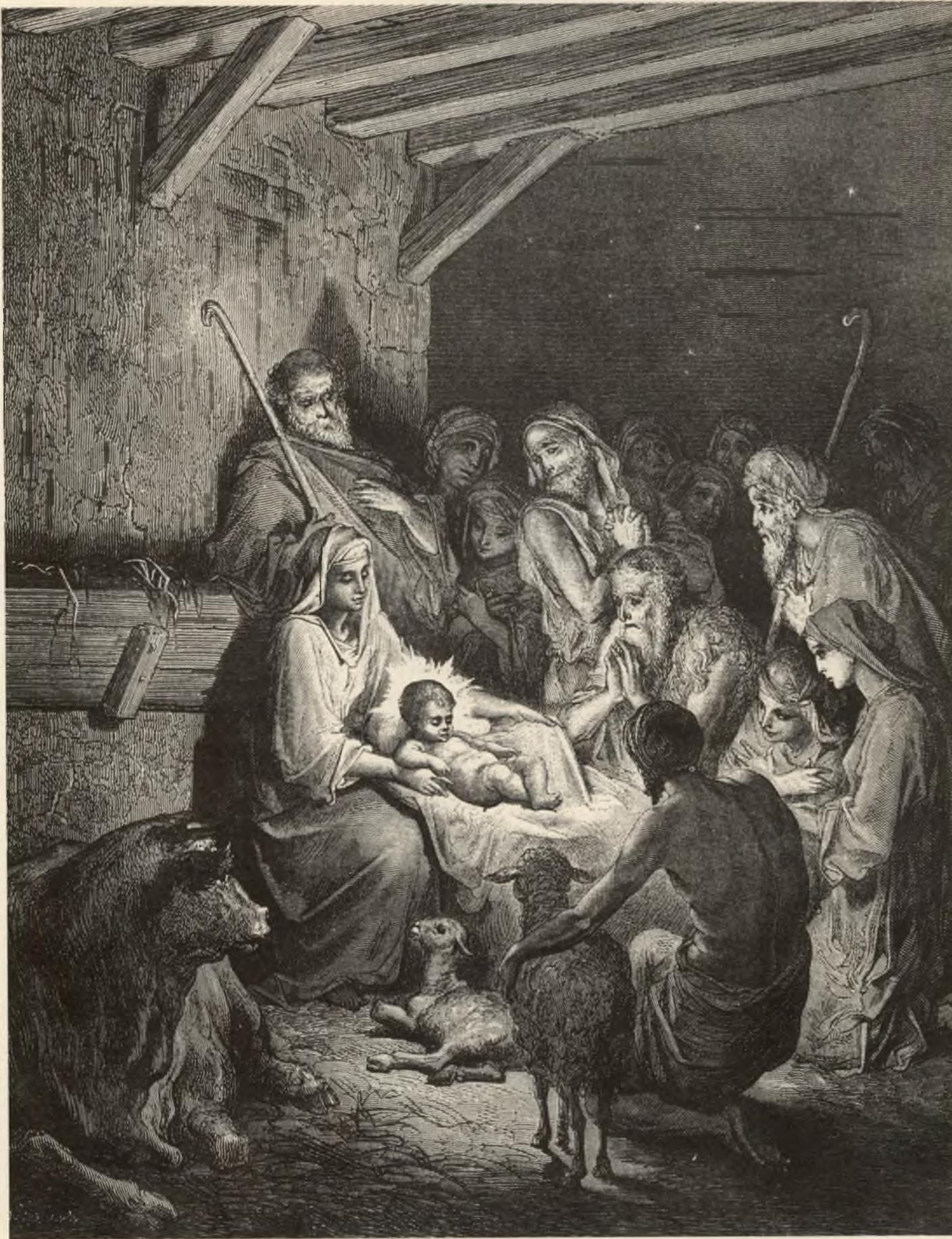
e pelos filhos o consolava e dava-lhe forças para suportar as adversidades e voltar para eles. Sem dúvida, seu amor foi intensificado por estes períodos difíceis de separação. Quando, porém, podia ficar com a família livremente, é que Joseph sentia-se realmente feliz. Há muitas anotações em seu diário, semelhantes à seguinte: “27 de março de 1834 — Fiquei em casa e senti grande alegria com minha família” (*History of the Church*, 2:44).

Hoje em dia, muitas pessoas parecem sentir que podem descansar e reanimar-se apenas quando estão fora de casa e longe de suas famílias. Encontramos, porém, uma lição valiosa no relacionamento amoroso de Joseph com a família. Em agosto de 1838, ele declarou que, devido a “deveres árduos e cansativos recentes”, ficou em casa durante três dias com a família, para “reanimar-se” (*History of the Church*, 3:55). O sucesso que teve como marido, pai, filho e irmão foi essencial para o sucesso como Profeta.

Em nosso mundo materialista, com seu ritmo apressado e as muitas pressões de nossa época, é fácil ser enganado a respeito do que é mais importante. O exemplo do Profeta Joseph Smith, porém, continua a ensinar-nos que a família é o que realmente importa em nossa vida, pois é na família que se encontra a verdadeira alegria e onde se presta o maior serviço.

As realizações de Joseph Smith e a grandeza de seu caráter são um exemplo para todos nós. Um aspecto único de sua grandeza, porém — um que pode edificar a grandeza em nós, ao seguirmos seu exemplo — é melhor demonstrado na anotação simples e freqüente de seu diário: “Fiquei com minha família” (*History of the Church*, 4:550). □

Brent L. Top é professor assistente de história e doutrina da Igreja na Universidade Brigham Young, Provo, Utah, E.U.A.





O NASCIMENTO E O MINISTÉRIO DE CRISTO

Xilogravuras de Gustave Doré

E eis que a estrela, que [os magos] tinham visto no oriente, ia adiante deles, até que, chegando, se deteve sobre o lugar onde estava o menino” (Mateus 2:9).

E [os pastores] foram apressadamente, e acharam Maria, e José, e o menino deitado na manjedoura” (Lucas 2:16).

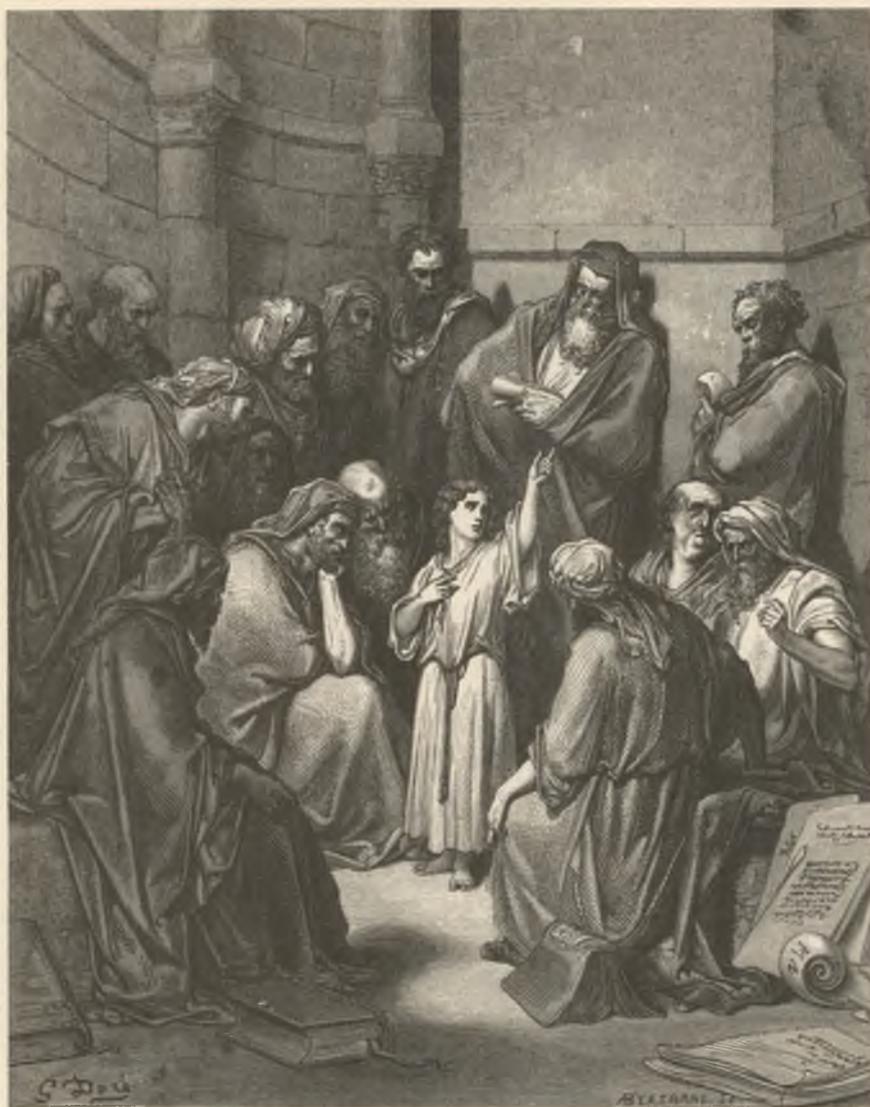
Acontecimentos na vida de Cristo estão vividamente retratados nas ilustrações de Gustave Doré (1832–1883). Estas cenas da vida do Salvador fazem parte das 241 ilustrações de Doré para o Novo e Velho Testamentos.

A Bíblia de Doré é significativa na história da ilustração religiosa. A maioria dos velhos mestres pintaram cenas bíblicas dentro do contexto de sua própria cultura, como se os acontecimentos tivessem ocorrido em seus próprios países e suas próprias épocas. Doré, porém, não seguiu esse método tradicional. Ao contrário, utilizando os recursos disponíveis, ele pesquisou a cultura, moda, plantas, animais, arquitetura e panorama da Bíblia e tentou representá-los com realismo.

Doré escolheu não apenas cenas dramáticas, grandiosas — mas também momentos serenos, pessoais. E ele lhes soprava realismo e paixão, dando vida às histórias.

A forma de arte utilizada por Doré era a xilografia, um processo-padrão utilizado para a duplicação de ilustrações, durante o século XIX. Primeiramente, o artista desenha a cena em um bloco de madeira. A seguir, um gravador faz uma série de cortes — de diversas espessuras e larguras — no mesmo bloco de madeira, reproduzindo o desenho do artista. (Dois nomes aparecem na parte inferior das ilustrações de Doré — o seu próprio e o do gravador.) Então, por um processo chamado *eletrotipia*, é obtida uma placa de metal a partir do bloco de madeira original, para que a ilustração possa ser duplicada repetidamente sem gastar o original. Finalmente, é colocada tinta na placa de metal, e a imagem é impressa em papel.

A Bíblia de Doré, foi publicada em 1865. As cenas dessa edição de *A Liahona* são de uma edição de 1866. Posteriormente, publicaremos mais ilustrações de Doré, que focalizam a última semana da vida de Cristo.



E aconteceu que, passados três dias, o acharam no templo, assentado no meio dos doutores, ouvindo-os, e interrogando-os. E todos os que o ouviam admiravam a sua inteligência e respostas” (Lucas 2:46-47).

Veio uma mulher de Samaria tirar água: disse-lhe Jesus: . . . Qualquer que beber desta água tomará a ter sede; Mas aquele que beber da água que eu lhe der se fará nele uma fonte d'água que salte para a vida eterna” (João 4:7, 13-14).

E, chegando à sua pátria, ensinava-os na sinagoga deles, de sorte que se maravilhavam, e diziam: Donde veio a este a sabedoria, e estas maravilhas? Não é este o filho do carpinteiro?” (Mateus 13:54-55).







E levantou-se grande temporal de vento, e subiam as ondas por cima do barco, de maneira que já se enchia. E ele estava na popa dormindo sobre uma almofada, e despertaram-no, dizendo-lhe: Mestre, não se te dá que pereçamos? E ele, despertando, repreendeu o vento, e disse ao mar: Cala-te, aquieta-te. E o vento se aquietou, e houve grande bonança” (Marcos 4:37-39).

E veio ter com ele muito povo, que trazia coxos, cegos, mudos, aleijados, e outros muitos: e os puseram aos pés de Jesus, e ele os sarou” (Mateus 15:30).

Jesus pegou “[a filha de Jairo] na mão, clamou dizendo: Levanta-te, menina. E o seu espírito voltou, e ela logo se levantou” (Lucas 8:54-55).







Tomou Jesus consigo a Pedro, e a Tiago, e a João . . . e os conduziu em particular a um alto monte. E transfigurou-se diante deles; e seu rosto resplandeceu como o sol . . . E eis que lhe apareceram Moisés e Elias, falando com ele” (Mateus 17:1-3).

[Ele] entrou numa aldeia; e certa mulher, por nome Marta, o recebeu em sua casa; E tinha esta uma irmã chamada Maria, a qual, assentando-se também aos pés de Jesus, ouvia a sua palavra” (Lucas 10:38-39).



E traziam-lhe meninos para que lhes tocasse, mas os discípulos repreendiam aos que lhos traziam. Jesus, porém, vendo isto, indignou-se, e disse-lhes: Deixai vir os meninos a mim, e não os impeçais; porque dos tais é o reino de Deus” (Marcos 10:13-14). □

NATAL NO VIETNÃ

John L. Meisenbach



FOTOGRAFIA DE CRAIG DIMOND

Todos os anos sinto o espírito de Natal em nossa casa, quando tiramos do armário o presépio e os outros enfeites tradicionais. E sempre, ao colocarmos o anjo de Natal em seu lugar habitual, recordo-me de algo que aconteceu do outro lado do mundo.

Estamos em 22 de dezembro de 1970. Encontro-me na selva próxima à vila de Song Be, Vietnã do Sul. Podemos ouvir os helicópteros de suprimentos se aproximando. Preparamos a área de pouso e ficamos esperando a entrega de alimentos, água, munição e, o mais importante, cartas e pacotes de casa.

Certifico-me de que os homens sob meu comando receberam as rações, a correspondência e os pacotes. Depois, leio minhas próprias cartas. Minha mente divaga, e muitas coisas me preocupam ao ler as cartas — algumas foram postadas há mais de quatro semanas. Estou no

Vietnã há 335 dias, sendo que a maior parte deles em combate. Sinto-me calejado e frustrado com a vida. E agora — a três dias do Natal — a única coisa em que consigo pensar é que só faltam vinte e nove dias para o término de minha designação — e estarei a caminho de casa. Espero que tudo corra bem em minhas últimas missões de combate, que deixe minhas responsabilidades em ordem e meus homens bem, e que o oficial que me substitua seja o melhor para eles.

Não penso no Natal, ou em meu Salvador, até abrir o pacote e encontrar nele o lindo anjo branco. Tem cerca de trinta centímetros de altura, roupas brancas, cabelos dourados, e está fixado sobre uma caixa de música. Coloco-o sobre uma lata de munições e começo a

ler a carta de minha mãe.

Em suas próprias palavras, ela relata a história do nascimento de Jesus e presta um testemunho sereno e sublime. Sinto-me elevado espiritualmente. Minha mãe contou-me a história de Natal repetidas vezes quando era pequeno, porém, jamais sentira o Espírito de Cristo tão próximo.

Levanto os olhos e noto que alguns de meus homens fitam o anjo branco. Dou corda na caixa de música, e ninguém diz uma palavra enquanto o som de “Noite Feliz” enche o ar, e o anjo de Natal nos traz emoções especiais à lembrança.

Mais tarde, ao arrumar meus pertences para partir, embrulho o anjo cuidadosamente e coloco-o em minha mochila. Lembro-me de casa, de minha família e de meus entes queridos. Acima de tudo, porém, penso em Jesus e em tudo o que ele fez por mim. □

A ALEGRIA DE SERVIR

Como irmãs da Sociedade de Socorro, comemoramos este ano do sesquicentenário em 1992 servindo ao próximo. Ações altruístas e amorosas ocorreram em todo o mundo. Esta demonstração de caridade foi um fecho apropriado para os primeiros 150 anos da Sociedade de Socorro.

A CARIDADE É UMA ATITUDE

A Presidente Elaine L. Jack define a caridade como sendo uma atitude pessoal: "Em vez de pensar na caridade como uma lista de obrigações, pensemos nela como a qualidade corretamente definida nas escrituras como o puro amor de Cristo — algo pessoalmente válido e glorioso, e também cheio de paz e alegria".

Uma dupla de missionárias caminhava pelas ruas de uma cidade do norte da Espanha. Naquele dia cinzento e chuvoso, ninguém demonstrava interesse por sua mensagem. Ao se aproximarem do parque municipal, sister Sílvia Golithan observou que a maioria das pessoas que caminhavam na sua frente eram mulheres. Ela sentiu o sussurro do Espírito lhe dizendo: "São suas irmãs". Mais tarde escreveu sobre o ocorrido: "Minha mente se encheu de uma sensação de luz". Escreveu que o Espírito a ajudou a entender mais claramente a irmandade mundial encontrada no evangelho de Jesus Cristo.



Conta uma mulher que participou desta obra de caridade: "Ela deixou um grupo de irmãs muito tristes, mas unidas e fortalecidas pela oportunidade de servir e amar".

Quais os exemplos de caridade em ação que já observaram em sua própria ala ou ramo?

DIAS MELHORES VIRÃO

Os primeiros membros da Sociedade de Socorro em Nauvoo, em 1842, organizaram "comitês de necessidades", cuja finalidade era procurar pessoas necessitadas e compartilhar com elas o que tinham. O Presidente Joseph Smith previu: "Este é o início de melhores dias para os pobres e necessitados, que se rejubilarão e irão derramar bênçãos sobre vossas cabeças" (*History of the Church*, 4:607). Foi, verdadeiramente, o início de melhores dias, para aquela época e também para a nossa. Desde que a Sociedade de Socorro foi organizada, seus membros alimentaram os famintos com o trigo que armazenaram, salvaram vidas, cuidando dos enfermos, e enviaram suprimentos de emergência a áreas de calamidade pública. Agora, em cada lugar do mundo, as irmãs da Sociedade de Socorro, em maior ou menor escala, oferecem ajuda amorosa ao próximo. Convidamos todas as irmãs a serem caridosas nas atitudes e ações, todos os dias da vida.

Como podemos fazer da caridade uma forma contínua de sentir e agir?

Como disse o Presidente Ezra Taft Benson: "O puro amor de Cristo busca apenas o crescimento e alegria eterna dos outros" (*A Liahona*, Janeiro de 1987).

Expressar o amor de Cristo às pessoas, de formas diversas, torna-se, para nós, uma gloriosa missão.

Servir ao próximo nos ajuda a respeitá-lo e amá-lo. O amor às pessoas nos aproxima de Deus.

Como nossa atitude em relação aos outros influencia o modo de servirmos?

CARIDADE É AÇÃO

Quando uma jovem mãe, na África do Sul, teve câncer, as irmãs da ala se reuniram para socorrer a família, levando-lhe refeições quase todos os dias. Elas cuidaram das crianças e, quando a jovem mãe piorou e ficou muito deprimida, as irmãs da Sociedade de Socorro se revezaram, fazendo-lhe companhia o dia todo, todos os dias, até que o marido voltasse do trabalho. Quando precisou ir para o hospital, as irmãs da Sociedade de Socorro continuaram a seu lado. Estavam com ela e a família, quando faleceu.



Meu Primeiro Natal como Bispo

Marvin K. Gardner

FOTOGRAFIA DE STEVE BUNDERSON, COM USO DE MODELOS

Sentamo-nos na sala — ela, na casa dos noventa anos, eu na dos trinta. Devido à sua saúde e à neve que caía, ela não podia ir ao escritório do bispo para fazer o acerto do dízimo; então, fui à sua casa.

Entregou-me dois pedaços de papel. Um continha, em sua própria caligrafia, as contribuições que fizera à Igreja durante o ano; e o outro era uma lista, feita por computador, contendo as mesmas informações.

“Como pode ver”, disse, “meus registros concordam perfeitamente com os do secretário da ala.” Não pude deixar de pensar que, se houvesse discrepância, o erro não seria dela.

Fiz-lhe então a pergunta habitual do bispo nessas situações: “Irmã, este é o seu dízimo integral?”

Ela me olhou com incredulidade nos olhos. Houve uma pequena pausa e, então, com fingida indignação, retrucou: “Bispo, essa é a pergunta mais ridícula que já ouvi!”

No caso dela, não pude deixar de concordar. Rimos juntos, e dei-lhe um abraço. Eu sabia a resposta, antes de fazer a pergunta, mas também tinha certeza de que ela se sentia feliz com a oportunidade de afirmar verbalmente sua fidelidade.

Dezembro passado foi meu primeiro Natal como bispo, e a primeira vez que fiz acertos de dízimo. Nunca antes percebera tão claramente a bela correlação entre os dois eventos—acerto de dízimo e Natal. Descobri como é apropriado que o Natal seja a época em que os membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias são solicitados a prestar contas ao bispo de suas ofertas ao Senhor durante o ano.

Fiquei maravilhado com o espírito de doação dos membros fiéis da ala que entravam em meu escritório—como pessoas, como casais e como famílias—e declaravam, particularmente, que haviam pago, integralmente, dez por cento de sua renda ao Senhor, naquele ano. Fui tomado por um sentimento de gratidão, enquanto a maioria deles também examinava comigo as outras contribuições que fizeram aos fundos missionário e de jejum—fundos de ajuda ao próximo.

Algumas dessas ofertas eram grandes, outras, pequenas. Todas, porém, foram feitas com generosidade e boa vontade.

Agradei aos membros sua generosidade. Agradei à viúva por sua oferta, à criança por suas moedas. Agradei aos adolescentes o dízimo integral do que ganharam trabalhando em supermercados, aparando relva, ou colhendo abóboras. Agradei aos universitários, adultos solteiros, pais jovens com crianças pequenas e pequenos salários, e casais de meia-idade com filhos maiores e salários maiores. Agradei aos desempregados ou

aposentados, que haviam dado muito menos do que nos anos anteriores — mas ainda assim, dez por cento integrais.

Jamais senti o espírito de Natal tão presente.

Aí entrou um casal de idade, de cabelos brancos. Haviam pago integralmente o dízimo e contribuído generosamente para os fundos de jejum e missionário. O marido disse: “Também queremos dar um cheque para o fundo missionário da ala. O Senhor decidirá a qual missionário destinar o dinheiro. (Naquela época, quinze missionários de nossa ala estavam em missão.)

Quando me deram o cheque, fiquei assombrado com a quantia. “Já me deram a mesma quantia, há algumas semanas, com as mesmas instruções”, disse eu. “Têm certeza de que podem dispor de tanto dinheiro novamente — em tão pouco tempo?”

Os dois me asseguraram que sim. E também reafirmaram que a doação deveria permanecer anônima.

Depois entrou em meu escritório um jovem casal, com vários filhos. Naquele dia, na reunião sacramental, fora anunciado por uma carta da Primeira Presidência que agora havia na Igreja uma nova categoria de contribuições voluntárias — o “fundo humanitário”. O dinheiro deste fundo seria enviado à sede da Igreja para ser usado em projetos que beneficiassem pessoas de todo o mundo, de qualquer filiação religiosa. Esse casal vivera em uma nação em desenvolvimento e conhecia as grandes necessidades de seu povo. Agora estavam doando uma quantia substancial àquele fundo, confiando que seria usado da melhor forma possível. Olhei para as crianças e depois para os pais, e pensei: “Como vão fazer sem este dinheiro, no Natal?” Senti, porém, que talvez o Natal deles fosse mais feliz, pelo que estavam fazendo.

E também houve pessoas que contribuíram

espontaneamente para o fundo missionário, embora não tivessem filhos ou filhas na missão, e outros que contribuíram para o fundo missionário geral e para o fundo geral do Livro de Mórmon. E os que doaram para a construção do Templo de Bountiful Utah, que ainda não estava sendo construído — embora soubessem que agora a Igreja paga os projetos de construção com o dízimo, e não por meio de um fundo separado de construção.

Mais tarde atendi um casal que havia contribuído generosamente durante todo o ano. Quase no fim da entrevista, o marido perguntou: “Há alguém na ala que esteja necessitado, neste Natal? Não temos muito dinheiro, mas gostaríamos de dar o que temos para alguém que necessite”.

Imediatamente pensei em uma mãe, que era sozinha. Estava fazendo o possível para ser auto-suficiente e sem dúvida não estava pedindo caridade. Seu dinheiro, contudo, era pouco. Ela estava voltando para a escola, e havia contas de médicos a pagar. Era uma pessoa digna da generosidade do casal.

Aceitei a oferta por ela. Disseram-me que não queriam saber quem era a pessoa beneficiada. E desejavam permanecer anônimos.

O marido abriu a carteira e depositou várias notas de vinte dólares na mesa. Enquanto isso, a mulher comentou, como que se desculpando: “Não é muito, mas agora que nossos filhos cresceram, achamos que não estamos trabalhando na ala tanto como antes. Isto é o mínimo que podemos fazer”.

Protestei, sabendo que faziam muito em seus chamados, e que discretamente ajudavam vizinhos e um parente idoso. Louvei-os por serem tão generosos.

No dia seguinte, ao levar o dinheiro para a pessoa que tinha em mente, fiquei um pouco preocupado. Como ela



receberia o presente? Ficaria ofendida? Hesitaria em aceitá-lo?

Ao entregar-lhe o dinheiro, descrevi o espírito com que fora ofertado, e encorajei-a a aceitá-lo com o mesmo espírito.

Ela o aceitou, agradecida.

“Posso aceitar isto”, disse, “porque quando as coisas estavam melhores, fiz muitas ofertas anônimas, como esta agora.” Relatou-me os projetos secretos que a família dela fizera no passado. Contou-me sobre as vezes em que comprara um peru congelado e o deixara, com todos os acompanhamentos, à porta da casa de alguém. Contou-me sobre o dinheiro que enviara anonimamente a pessoas necessitadas, e sobre a compra de um casaco, e de botas para o filho de um amigo em dificuldades financeiras. Agora, que ela era a necessitada, recebia o presente com gratidão.

Ao examinar as contribuições monetárias de tantos membros da ala, durante o ano, não pude deixar de pensar, também, no trabalho voluntário que fizeram naquele ano, nas pessoas que, semana após semana, deram aulas e ocuparam cargos de liderança — onde quer que tivessem sido chamadas a servir. Pensei nos jovens que limpavam quintais de membros idosos, tanto na primavera como no outono, nas irmãs que ajudaram a colocar papel de parede e pintar a casa de um membro, e nos élderes e sumos sacerdotes que fizeram trabalhos pesados e reparos para pessoas impossibilitadas de fazê-lo. Pensei nas jovens e nas irmãs da Sociedade de Socorro que visitaram um abrigo para pessoas sem casa, diversas vezes — levando alimentos, suprimentos e

palavras de incentivo, e nos rapazes que, sem que fosse preciso lembrá-los, saíram em grupos e limparam a neve da porta da casa dos membros idosos, sempre que nevava. Lembrei-me dos escoteiros que arrecadaram brinquedos e livros para o Centro Médico das Crianças da Primária, e das irmãs que levaram refeições e palavras de conforto a doentes, aflitos, desesperados, e pessoas sem condições de sair de casa. Pensei nos irmãos que deram bênçãos de saúde e conforto, e nas pessoas que doaram tempo trabalhando na fábrica de conservas da Igreja, a fim de encherem as prateleiras dos armazéns dos bispos. Não me esqueci das pessoas que haviam escutado — e cuidado de outros — e edificado o próximo, das que ajudaram de modos diversos, sem que ninguém ficasse sabendo.

E pensei na gratidão das pessoas ajudadas.

Cito o exemplo de um menino de nove anos. Esta foi a carta que ele enviou à presidente da Sociedade de Socorro e a mim, depois que sua família recebeu alimentos do armazém do bispo (mudei o nome do irmão dele, para preservar-lhe o anonimato);

“Querido Bispo Gardner e irmã Thomas:

Acabo de chegar da escola. Ricardo entrou primeiro e disse: ‘O que é isto?’ Então vi o que ele vira. Alimento . . . Alimento! Alimento em todos os lugares! Caixas, sacos, latas, e até leite e ovos! Ricardo comentou: ‘Olhe! Deve haver um milhão de laranjas!’

Queremos agradecer-lhe, irmã Thomas, e agradecer a toda a Igreja (especialmente nossa ala), pela ajuda que nos estão prestando neste momento, especialmente por todo esse gostoso alimento do armazém do bispo. É

maravilhoso sentir-se amado, sentir que se preocupam conosco, que pensam em nós.

Com gratidão.” (E ele assinou seu nome completo.)

Chegou a noite de Natal. Minha própria família, composta de crianças pequenas e adolescentes, estava terminando a apresentação de Natal costumeira — com escrituras, canções, fantasias, um bebê de verdade fazendo o papel do Menino Jesus, uma Maria de três anos de idade, um José de seis, um anjo, um pastor, um mago. (De alguma forma, eu sempre acabava fazendo o papel do burrinho.)

Alguém bateu à porta. Era Papai Noel (Pai Natal, em Portugal) Ao vivo! Ele entrou rindo na sala, brincou com cada uma das crianças, abriu uma meia enorme e tirou um presente para cada pessoa da família. Enquanto isso, notei uma vaga semelhança entre Papai Noel (Pai Natal) e um membro de nossa ala.

Desejou-nos Feliz Natal e partiu. Duas crianças menores estavam decididas a ver a rena que puxava o trenó, e correram para o terraço, mas Papai Noel (Pai Natal) deve ter estacionado seu trenó longe de casa. Ouvimos o som dos sinos, enquanto ele andava alegremente pela redondeza e desaparecia na escuridão da noite nevosa.

Que Natal aquele! Meu primeiro Natal como bispo. Como poderia expressar gratidão aos membros da ala, que transformaram o Natal numa data feliz em que se dava e se recebia, e por aqueles que têm esse espírito durante todo o ano?

E como poderia expressar gratidão e amor ao Salvador, Jesus Cristo, que deu o exemplo e a maior de todas as dádivas?

Certamente, meu amiguinho de nove anos tem razão: “É maravilhoso sentir-se amado, sentir que se preocupam conosco e que pensam em nós”. □





Uma Verdadeira Dádiva

Rebecca Russell

Nossa classe do seminário sempre trocou presentes na época do Natal. No ano passado, como sempre, fizemos uma reunião para determinar como seria essa troca de presentes.

“Poderíamos sortear os nomes, como sempre”, disse alguém, “mas vamos estabelecer um limite de preço.”

“E se, em vez de comprar um presente, escrevêssemos uma carta?” sugeriu Ana. “Poderíamos observar secretamente a pessoa que sorteamos, anotar suas boas qualidades e depois escrever uma carta à pessoa, dizendo-lhe o que descobrimos.”

Depois de discutirmos o assunto por algum tempo, concordamos, embora a maioria não parecesse muito entusiasmada — apenas feliz por não ter que gastar dinheiro.

Eu tirei o nome de uma menina que mal conhecia. Michelle havia freqüentado algumas de minhas classes, mas eu nunca encontrara tempo para conversar com ela. Comecei a observá-la, tanto no seminário como em nossa aula de história.

Michelle era tímida, mas observei que sempre tinha um sorriso caloroso quando passava por estranhos, na entrada. Descobri que era inteligente, quando fez uma belíssima apresentação na aula de história. O que mais me impressionou, porém, foi o amor que demonstrava ter pelas pessoas — quando abraçava uma menina que saía chorando do seminário, quando conversava com uma aluna deficiente e solitária. Ela se tornou uma pessoa real

para mim, em vez de apenas um outro rosto na escola. Comecei a amá-la.

Finalmente chegou o dia em que deveríamos trocar cartas. Quando me levantei e li minha carta, foi fácil expressar o que sentia por Michelle. Outros alunos tiveram reações semelhantes.

John disse: “Senti-me mais próximo de Glenn quando fui assistir a uma peça da qual ele participava. Nem sabia que era ator, até telefonar para a sua mãe para descobrir mais coisas sobre ele. Fiquei orgulhoso quando vi que alguém de nossa classe representava o papel principal da peça. Mal podia esperar para escrever-lhe dizendo o quanto admirava seu talento como ator”.

Durante a hora seguinte, tornou-se óbvio que ninguém estava mais preocupado com o que iria receber, só desejando fazer uma outra pessoa sentir-se feliz. Ângela descobriu que ao expressar seu amor por Pedro, com quem ela jamais combinara, ficou mais fácil libertar-se de sua antipatia por ele e aprender a amá-lo.

Os presentes de Natal trocados em nossa classe do seminário, naquele dia, significaram mais para mim do que qualquer coisa que o dinheiro pudesse comprar. Muitos alunos sentiram-se edificados, e surgiu uma união, entre todos nós, que durou o resto do ano.

Aprendemos que existe algo positivo em cada pessoa, e que, quando expressamos nosso amor por elas, estamos dando uma verdadeira dádiva. □





MÓRMON

CANTINHO



FOTOGRAFIA DE JED CLARK



Larry A. Hiller

Algumas cidades do mapa não passam de uma ou duas lojinhas numa encruzilhada. E há um lugar no Alasca chamado “Cantinho Mórmon”, que descobrimos não ser mais do que um armário em uma escola secundária.

A diferença é que uma lojinha pode desapontar-nos, se estamos esperando encontrar uma cidade grande, mas o Cantinho Mórmon parece nunca desapontar ninguém.

Na Escola Lathrop, em Fairbanks, Alasca, os jovens SUD parecem destacar-se. Seus sorrisos, sua simpatia e liderança com frequência indicam que são mórmons. E eles deram o apelido de “Cantinho Mórmon” ao armário junto ao qual se reúnem antes e depois da escola,

No meio de uma cidade, em pleno deserto do Alasca, os alunos SUD criaram seu próprio cantinho caloroso.



Aproveitando o sol do verão, que dura quase vinte e quatro horas, os jovens SUD de Fairbanks, Alasca, ajudam a limpar e a lustrar um monumento da cidade, como parte de um projeto de serviço comunitário.

na hora do almoço, ou em qualquer outra ocasião.

Até o diretor, Ted Paulsen, notou a contribuição que os alunos SUD fazem à escola. “Observamos esses adolescentes no conselho estudantil, na equipe de basquete. Eles são líderes. Procuram sempre dar o melhor de si. Podemos ver que eles sabem para onde estão indo, o que vão fazer, e como pretendem chegar lá”.

O próprio filho do sr. Paulsen, que foi aluno de Lathrop, comentou sobre os alunos SUD: “Ele diz que pode reconhecer um aluno SUD devido ao modo como se veste e como fala, e por todas as coisas pelas quais julgamos as pessoas. Tem grande respeito por eles”.

Onde fica, porém, o Cantinho Mórmon? Fica em qualquer lugar onde um ou mais alunos SUD têm seu armário. Portanto, o local muda a cada ano. Às vezes há dois cantinhos mórmons.

O que acontece lá? As brincadeiras usuais, planos para depois das aulas, contato com os amigos e muita conversa sobre o evangelho. Susan Benefield pode falar sobre isso.

Susan observou os jovens SUD em Lathrop e gostou do que viu. “Uma coisa que notei quando conheci esses alunos, é que todos eles sorriam. É como se soubessem de algo que nós não sabemos. A







Existe um entusiasmo tangível pelo evangelho, entre os jovens mórmons de Fairbanks, mas enquanto aproveitam suas próprias atividades e estilo de vida, preocupam-se também em compartilhar o evangelho com outras pessoas. A propósito, alguns dos rostos destas páginas não pertencem a nossos jovens de Fairbanks. São totens ou símbolos americanos, vistos no parque de Fairbanks, dedicado à rica história da área. É fácil perceber qual é qual. Não há nada rígido nos jovens SUD.



maioria deles caminha pelos corredores com um sorriso nos lábios. Faz com que fiquemos imaginando por que eles são tão felizes o tempo todo.”

Susan começou a descobrir a resposta quando Courtney Hull, sua melhor amiga, a convidou para o seminário diário. “Fui só porque ela era minha amiga”, explica Susan. “Depois comecei a freqüentar a reunião das Moças, ir à igreja, e fazer uma porção de coisas, e todos eram muito simpáticos. Então comecei a prestar atenção ao que os professores ensinavam. E um dia percebi que aquilo era o que eu precisava.” Aí foi batizada.

“Ainda tenho os amigos que tinha antes de ser batizada”, continua Susan, “e tenho muitos amigos que não são da Igreja, mas sei que quando estou com jovens SUD não existe pressão do grupo para induzir-me a fazer coisas erradas, não existem mexericos, linguagem imprópria, nem bebidas alcoólicas”. Agora Susan sabe por que os alunos SUD parecem tão felizes todo o tempo. “Acho que o evangelho faz isso com a gente”.

Naturalmente, sorrir o tempo todo não é sempre a melhor idéia, para quem mora em Fairbanks—não, se usar aparelho de metal nos dentes e se ficar fora de casa no inverno. Os lábios das pessoas podem congelar e grudar no aparelho de metal. É tão

frio lá, no inverno, que, se as pessoas saírem de casa com o cabelo úmido, depois do chuveiro, o cabelo literalmente congelará e poderá quebrar-se.

Por outro lado, verão significa dias com quase vinte e quatro horas de sol. Quando se pergunta sobre o verão, vê-se aqueles famosos sorrisos outra vez. “Não há noite”, diz um. “Se nossos pais nos dizem: “Voltem para casa antes do escurecer”, podemos retornar na manhã seguinte”, brinca ela.

“O verão não é uma coisa que passa despercebida”, diz outro, “Fazemos tudo que dá para fazer”.

Outro jovem acrescenta: “Nós nos sentimos culpados se deixamos de fazer alguma coisa, porque o verão é muito curto”.

Os jovens SUD de Fairbanks têm um entusiasmo tangível pelo evangelho, assim como pela vida. Aquele é um lugar onde os salários são geralmente bem altos e é fácil ganhar dinheiro. E muitos outros adolescentes tentam substituir o amor, os valores familiares e a espiritualidade pelo álcool, pelas drogas, pelo sexo, ou pelo materialismo. Os jovens SUD, porém, permanecem unidos e são amigáveis com todos. No meio de uma cidade, em pleno deserto do Alasca, eles criaram seu próprio cantinho caloroso — o Cantinho Mórmon. □





DAR E TORNAR A DAR

Rebecca Strand Russan

Pensávamos que o Natal daquele ano seria um de nossos melhores. Jim se formara na escola de Odontologia, e esperávamos que ele abrisse seu consultório logo e que tivéssemos bastante dinheiro para um Natal maravilhoso. Sonhei com roupas novas, novos enfeites de Natal, bolos no forno e presentes para todos.

Em vez disso, nossas vidas estavam num redemoinho havia meses. Fora mais difícil do que eu imaginara deixar nosso apartamento confortável e nossos bons amigos e mudar para outra parte do país. A mudança acabara com nossas escassas economias, e novas contas se estavam acumulando.

Aí fiquei grávida de nosso segundo filho, quase perdi o bebê e fui obrigada a limitar muito minhas atividades. Jim ficava fora por horas que pareciam intermináveis, trabalhava até tarde, noite após noite, para abrir seu consultório. Quando estava em casa era alegre e boa companhia, mas nunca me sentira tão sozinha.

Finalmente o consultório abriu as portas em novembro — um mês mais tarde do que planejávamos — o que atrasou o pagamento de nossas contas. Havíamos pensado, com otimismo, que, naquela época do ano, já estaria entrando dinheiro dos clientes de Jim. Só que isso ainda não estava acontecendo. Tínhamos pouco dinheiro para comprar alimentos — e nenhum dinheiro para qualquer coisa extra.

Fiquei mais deprimida, com a proximidade do Natal. Apertamos o orçamento, a fim de comprarmos alguns livros de história e um brinquedo para nosso filho de um

ano e meio, Erik. Disse a mim mesma que presentes debaixo da árvore de Natal não eram realmente importantes, e que o espírito de Natal era o que valia. Não conseguia, porém, sentir esse espírito de Natal.

Embrulhei os livros e o brinquedo e coloquei-os debaixo da nossa usada árvore artificial e de segunda mão. Montamos nosso presépio de cartolina e penduramos alguns enfeites descombinados pela sala.

Na manhã de Natal, levamos Erik até a árvore, para que ele abrisse seus presentes. Eu tinha um nó na garganta, enquanto ele abria os pacotes. Onde estava a alegria que eu deveria sentir?

Então Jim me abraçou e pôs um pequeno embrulho em meu colo. Meus dedos tremiam ao abrir o embrulho e encontrar uma caixa de veludo vermelho. Mal podia acreditar! Apenas presentes caros vêm em caixas como aquela. Onde Jim arranjava o dinheiro?

Quando abri a caixa, meu coração quase parou. Dentro estava um pingente que Jim me dera num Natal anterior, antes de nos casarmos. Havia um bilhete: “Com amor — novamente. Jim”.

Meus olhos se encheram de lágrimas, ao perceber que aquele pingente representava seu amor por mim. A dor que sentia no coração desapareceu e foi substituída por um sentimento de inexprimível amor e alegria. Finalmente, senti o espírito de Natal.

Nunca me esquecerei da lição que um marido solidário me ensinou naquela manhã de Natal — que o amor é o melhor presente de todos. □



DOZE TESTEMUNHAS DO NASCIMENTO DE CRISTO

Joseph Fielding McConkie

Isto não se fez em qualquer canto”, disse o Apóstolo Paulo sobre o ministério mortal de Cristo (Atos 26:26). Na verdade, as testemunhas do nascimento do Salvador foram muitas e variadas.

Nas Américas, Samuel, o Lamanita, profetizou acerca dos sinais da vinda do Salvador. (Vide Helamã 14:3–6.) Alma escreveu que o nascimento de Cristo seria anunciado por anjos àqueles que fossem “justos e santos” (Alma 13:26). Na nação em que Cristo nasceu, o testemunho de sua vinda espalhou-se por mais e mais pessoas — especialmente entre aqueles que guardavam os mandamentos e ordenanças do Senhor e estavam cheios do Espírito Santo.

Os escritores do evangelho, por exemplo, Mateus e Lucas, descrevem doze testemunhas da Natividade. Embora os testemunhos pessoais sejam notáveis, o testemunho coletivo constitui um poderoso conjunto de declarações sobre o nascimento de Cristo. No desenrolar das histórias, todos os personagens aparecem nos locais apropriados. Isto é ainda mais notável, uma vez que Mateus e Lucas contam partes diferentes da história.

A história da Natividade começa com uma anunciação angélica dentro do santuário do templo a um

sacerdote que, em nome da nação, estivera orando justamente por aquele exato momento. Ela termina com a proclamação das intenções perversas de Herodes com relação à vida do Cristo menino. Na história, vemos os céus abertos ao sacerdote e ao leigo, ao homem e à mulher, ao velho e ao jovem, ao poderoso e ao humilde.

Vemos cada um deles ser chamado como importante testemunha dessa história, a mais linda de todas que já foram contadas.

GABRIEL

A primeira testemunha do nascimento de Cristo no Novo Testamento foi Gabriel, um mensageiro vindo da presença de Deus. Este mensageiro fez apropriadamente sua aparição inicial a um sacerdote fiel da ordem Aarônica, Zacarias, que realizava um ritual, em nome da nação — queimar incenso no altar, dentro do santuário.

Realizando esta tarefa, Zacarias representava a fé combinada de Israel. Sua oração era a oração do povo pela libertação eterna de seus inimigos, nas mãos do Messias prometido. As chamas ascendentes do incenso simbolizavam a ascensão daquela oração conjunta.



CARL HEINRICH BLOCH

GABRIEL



JAMES T. BOSSCH

ZACARIAS



CARL HEINRICH BLOCH

ISABEL

Enquanto Zacarias orava, os companheiros sacerdotes e todos os que estavam no templo uniam seus améns àquela súplica.

Em resposta à oração de Israel, um “anjo do Senhor” apareceu a Zacarias “posto em pé, à direita do altar do incenso” e apresentou-se como Gabriel, um que “(assistia) diante de Deus” (Lucas 1:11, 19). Por revelação moderna, sabemos que Gabriel fora conhecido na terra como Noé, que “segue a Adão em autoridade do Sacerdócio” *Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, p. 153) e que retém as chaves da “restauração de todas as coisas” (vide D&C 27:6–7).

As chaves que estavam em poder de Gabriel faziam dele um Elias — alguém que preparou o caminho para o Senhor. Nada seria mais apropriado do que, depois, ele mesmo anunciar o nascimento do Elias terreno — João Batista — que prepararia o caminho do Messias.

ZACARIAS

Quem era esse Zacarias a quem Gabriel apareceu? Ele era um dos “justos e santos” (vide Alma 13:26) e, assim como sua mulher, Isabel, Zacarias era descendente de Abias, cujo nome significava “lembrado do Senhor”. Isabel, assim como Zacarias, descendia de sacerdotes, e seu nome significava “consagrada a Deus”.

A este nobre casal foi prometida uma criança que se

tornaria o precursor terreno do Messias. Por não ter acreditado na promessa de Gabriel, Zacarias recebeu o sinal de que “(ficaria) mudo, e não (poderia) falar até o dia em que estas coisas (acontecessem)” (Lucas 1:20).

Zacarias ficou mudo até que “completou-se para Isabel o tempo de dar à luz e teve um filho”. Foi então que a boca de Zacarias “se lhe abriu”, ele prestou testemunho da missão divina do filho recém-nascido, testificando que ele “(iria) ante a face do Senhor, a preparar os seus caminhos”. A notícia desses acontecimentos foi “divulgada . . . na Judéia” (Lucas 1:57, 64, 76, 65).

ISABEL

Lemos que João era “cheio do Espírito Santo, já desde o ventre de sua mãe” (Lucas 1:15). Na verdade, “ao ouvir Isabel a saudação de Maria, a criancinha saltou no seu ventre; e Isabel foi cheia do Espírito Santo” (Lucas 1:41).

Como um vaso puro que reconheceu a natureza especial do próprio filho, Isabel também testificou a divindade do filho de Maria, exclamando: “Bendita tu entre as mulheres, e bendito o fruto do teu ventre.

E donde me provém isto a mim, que venha visitar-me a mãe do meu Senhor?” (Lucas 1:42–43.)

Isabel concluiu seu testemunho, profetizando que “hão de cumprir-se as coisas que da parte do Senhor lhe



JOÃO BATISTA



MARIA



JOSÉ

foram ditas” (Lucas 1:45). Ela uniu o testemunho àqueles que vieram antes e àqueles que se seguiram, declarando o nascimento divino.

JOÃO BATISTA

Assim como Cristo era, por nascimento, o justo herdeiro do trono de Davi, João era o justo herdeiro do ofício de Elias. Ele iniciou devidamente o ministério para “ir ante a face do Senhor, a preparar os seus caminhos”, saltando de alegria enquanto ainda no ventre de sua mãe (Lucas 1:76, 41; vide também o versículo 15).

Como deve ter sido maravilhoso: João, saltando de alegria; Isabel saudando Maria, sua prima, em espírito de profecia, e Maria respondendo pelo mesmo espírito. Novamente, notamos quão maravilhosamente se encaixam as testemunhas e os testemunhos de duas mulheres—a anciã Isabel e a jovem Maria—cada uma carregando uma criança concebida sob circunstâncias miraculosas. Elas, e mesmo João, ainda não nascido, regozijaram-se com o grande acontecimento, prestes a se realizar.

MARIA

Não poderia haver uma testemunha mortal de Cristo, como filho literal de Deus, mais perfeita do que sua mãe,

Maria. Ela recebeu a promessa de que conceberia o “filho do Altíssimo” (Lucas 1:32). Em seguida àquele acontecimento maravilhoso, ela testificou, dizendo: “Porque me fez grandes coisas o Poderoso; e santo é o seu nome” (Lucas 1:49).

Néfi deu-nos um perfeito relato escriturístico deste evento extremamente sagrado: “E aconteceu que”, escreveu ele, “eu a vi ser transportada no Espírito. E depois de ter sido transportada no Espírito por um certo espaço de tempo, disse-me o anjo: Olha!

Eu olhei e vi a virgem novamente, carregando uma criança em seus braços.

E disse-me o anjo: Eis aqui o Cordeiro de Deus, sim, o Filho do Pai Eterno” (1 Néfi 11:19–21).

Sem dúvida, Maria foi, como lhe disse Gabriel, “agraciada” e “bendita . . . entre as mulheres”, para ter testemunhado esses milagres e ter dado à luz o Salvador (Lucas 1:28).

JOSÉ

Não temos nenhum relato escriturístico de quaisquer palavras ditas por José, mas sua retidão e a reação que teve diante da condição de Maria prestam testemunho da sua crença em Cristo, como filho literal de Deus. Sabemos que ele teve sonhos e recebeu instruções de anjos. Além disso, sabemos que assim como ele era fiel



OS PASTORES



O CORO CELESTIAL



SIMEÃO

no cumprimento da lei de Moisés, atendeu a todas as orientações divinas que recebeu.

José mostrou total obediência, tomando Maria como esposa, embora já estivesse grávida, depois que “em sonho lhe apareceu um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber a Maria tua mulher, porque o que nela está gerado é do Espírito Santo” (Mateus 1:20). Ele também “não a conheceu (Maria) até que deu à luz seu filho, o primogênito”; e pôs-lhe por nome Jesus; fugiu à noite para o Egito com Maria e a criança, lá permanecendo até obter orientação para voltar; depois, retornou à Galiléia, ao invés da Judéia (Mateus 1:25; vide também versículos 19–21; 2:13–23).

Cada uma dessas ações confirma novamente a convicção de José com relação à criança, a esperança de Israel, o filho de Deus.

OS PASTORES

Na véspera do nascimento de Cristo num estábulo, em Belém, pastores guardavam seus rebanhos em campos não muito distantes dali. Não eram pastores comuns, pois fora profetizado aos nefitas que anjos declarariam as boas novas do nascimento do Messias aos “justos e santos” (Alma 13:26).

Estes pastores prestaram testemunho especial à

família, amigos e vizinhos. A experiência deles foi recontada nas cortes do templo e de lá seria contada a todas as nações da terra. Lucas relata que, após os pastores terem visto “o menino deitado na manjedoura . . . , divulgaram a palavra que acerca do menino lhes fora dita” (Lucas 2:16–17). Essa foi a declaração do anjo que lhes apareceu naquela noite santa, de que estas “novas de grande alegria” deveriam ser “para todo o mundo” (Lucas 2:10).

O CORO CELESTIAL

Em seguida à proclamação do anjo aos pastores, “no mesmo instante, apareceu uma multidão dos exércitos celestiais, louvando a Deus” (Lucas 2:13). O coro celestial então cantou para os humildes pastores da Judéia: “Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens” (Lucas 2:14). Desta forma, eles anunciaram com música o nascimento do Salvador aos remanescentes dispersos de Israel.

SIMEÃO

Nossa atenção volta-se agora para Jerusalém. Lá, um homem idoso, descrito por Lucas como “justo e temente a Deus”, recebera a promessa do Senhor de



ANA



OS MAGOS DO ORIENTE



HERODES

que não morreria sem ter visto o Salvador. Ele foi inspirado pelo Espírito Santo a ir ao templo e, lá, segurar o Cristo menino.

Quando os pais da criança entraram no templo — Maria, para o ritual de purificação, e José, para pagar o tributo necessário para redimir o primogênito do serviço sacerdotal — Simeão tomou a criança nos braços. “Senhor, despedes em paz o teu servo, segundo a tua palavra”, declarou ele.

“Pois já os meus olhos viram a tua salvação,

A qual tu preparaste perante a face de todos os povos;

Luz para alumiar as nações, e para glória de teu povo Israel.” (Lucas 2:29–32.)

A declaração de Simeão foi muito além do entendimento e esperança daqueles de sua nação, pois ele viu a natureza universal do ministério de Cristo. Prestou testemunho de que Jesus era o Salvador, tanto do judeu quanto do gentio.

ANA

O maravilhoso testemunho de Simeão não ficaria só. Unindo seu testemunho especial do nascimento de Cristo estava Ana — uma viúva já idosa, cujo nome significava “cheia de graça”. Uma mulher santa e devota, que adorara no templo por muitos anos com jejum e oração, dia e noite, ela era, sem dúvida, bem

conhecida por aqueles da Cidade Santa que aguardavam fielmente a vinda do Messias. Ela se aproximou da família santa e, depois disso, prestou testemunho do Messias àqueles que em Jerusalém esperavam a redenção (Lucas 2:38).

OS MAGOS DO ORIENTE

Somente Mateus fala sobre a vinda dos magos algum tempo depois do nascimento do Salvador: “magos vieram do oriente a Jerusalém” (Mateus 2:1). Sabemos que os magos estavam alheios à situação política da época, pois eles procuraram o paradeiro de Cristo por intermédio de Herodes: “Onde está aquele que é nascido rei dos judeus? porque vimos a sua estrela no oriente, e viemos adorá-lo” (Mateus 2:2). Ninguém que conhecesse Herodes arriscaria a vida de Cristo, fazendo tal pergunta.

Sabemos também que eram videntes, pois mais tarde foram “avisados em sonho para que não voltassem para junto de Herodes” e, conseqüentemente “partiram para a sua terra por outro caminho” (Mateus 2:12). Também sabemos, pela tradução da Bíblia feita por Joseph Smith, que os magos procuravam o “Messias dos Judeus”, seguindo assim o modelo das testemunhas que procuraram o Filho de Deus para dele testificar.



A ADORAÇÃO DOS PASTORES, DE GIORGINE; GALERIA NACIONAL DE ARTE, WASHINGTON, D.C., COLEÇÃO DE SAMUEL H. KRESS

“Isto não se fez em qualquer canto”, disse o Apóstolo Paulo sobre o ministério mortal de Cristo (Atos 26:26). Na verdade, as testemunhas do nascimento do Salvador foram muitas e variadas.

HERODES

Nossa última testemunha é a mais relutante e inverossímil — o rei de Israel, Herodes o Grande. Herodes fizera uma aliança com os poderes do mundo: seus amigos eram Cesar Augusto, Roma e a conveniência. Ele massacrava sacerdotes e nobres, e dizimou o Sinédrio. Fez o sumo sacerdote, seu cunhado, morrer afogado num suposto esporte, diante de seus olhos. Ordenou o estrangulamento da esposa preferida, Mariane, embora ela tivesse sido, aparentemente, a única mulher que amara. Qualquer pessoa que tivesse sido vítima de sua suspeita era assassinada, incluindo três filhos e inúmeros parentes.

Foi a este homem, que personificava a maldade do mundo, que os magos do oriente prestaram testemunho de que o justo rei e governante de Israel tinha nascido. Herodes não teria dado atenção às palavras de Simeão, Ana ou dos simples pastores. Entretanto, acreditou no testemunho desses visitantes do oriente, cujas credenciais, quaisquer que fossem, eram suficientes para consagrá-los como homens de grande sabedoria.

O reino de Deus nunca deixará de sofrer oposição nos dias da mortalidade da terra, o período de poder de Satanás. Evidências da ira e da fúria do inferno na época do nascimento do Filho de Deus faz da Natividade uma história completa. As boas-novas do céu não trouxeram

nenhuma alegria para o príncipe da escuridão e seus servos. Herodes, servo de Satanás, respondeu ao testemunho dos magos com fúria homicida, procurando destruir o Cristo menino. Assim, seguiu-se o decreto de que “todos os meninos que havia em Belém, e em todos os seus contornos, de dois anos para baixo” — segundo o tempo que Herodes inquirira dos magos — deveriam ser mortos. (Mateus 2:16.)

OUTRAS TESTEMUNHAS

A história da Natividade menciona doze testemunhas do nascimento do Salvador e ilustra o modelo pelo qual o conhecimento de Deus será restaurado e levado, mais uma vez, a todas as nações da terra.

Como isto ocorrerá? Por testemunhas especiais — testemunhas chamadas e preparadas no conselho dos céus. Quem serão elas? Velhos e jovens, homens e mulheres, instruídos e leigos — aqueles que andam “sem repreensão em todos os mandamentos e preceitos do Senhor” (Lucas 1:6), aqueles que têm sonhos, recebem instruções de anjos e são cheios do Espírito Santo. Tem sido sempre assim e dessa forma sempre será. □

Joseph Fielding McConkie é professor de educação religiosa na Universidade Brigham Young.



Ovelhas em Belém

"Ora havia . . . pastores que estavam no campo, e guardavam durante as vigílias da noite o seu rebanho. E eis que o anjo do Senhor veio sobre eles, e a glória do Senhor os cercou de resplendor" (Lucas 2:8-9).



OYEUX NOËL GLEDELIG JUL
 HYVÄÄ JOULUA **メリークリスマス**
 VROLIJK KERSTFEEST GOD JUL
 GLÆDELIG JUL FELIZ NAVIDAD
 즐거운 성탄절 **MERRY CHRISTMAS**

IA OAOA I TE NOELA MANUIA LE KERISIMASI
 BUON NATALE GLEÐILEG JÓL **聖誕快樂**
สุขสันต์วันคริสต์มาส FRÖHLICHE WEIHNACHTEN
 SELAMAT HARI NATAL KILISIMASI FIEFIA
 FELIZ NATAL!